



**Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)**

**A Produção do Conhecimento  
nas Letras, Linguísticas e Artes**

---

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,  
Linguísticas e Artes

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Natália Sandrini

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-228-9

DOI 10.22533/at.ed.289190204

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.  
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Como o conhecimento é produzido? Onde se produzem conhecimentos? Qual a necessidade de produzi-los? Por que produzir conhecimentos na sociedade contemporânea? Quem são os autores que produzem os mais variados conhecimentos? Quais áreas do conhecimento são as responsáveis pela construção do próprio conhecimento? Responder todas essas questões significa propor uma reflexão discursiva e ampla.

O conhecimento é construído como propostas capazes de transformar as experiências dos sujeitos na sociedade. Produz-se conhecimentos nas academias, nas escolas e nos espaços não formais de ensino, porque a constituição do conhecimento estabelece-se com as propostas de letramento. A justificativa de produzir conhecimentos na sociedade contemporânea parte da necessidade de comunicação dos sujeitos com seus semelhantes.

Os falantes de Língua Materna são os responsáveis, autores e protagonistas na produção de conhecimentos, por isso não existe uma única área específica em que a formulação da ciência é estruturada, problematizada e proposta como ação reflexiva.

Esta Coleção traz ao leitor diferentes trabalhos das mais diversas áreas e estéticas. São trinta trabalhos que têm a finalidade de inserir os leitores nos mundos revelados por cada texto, porque cada textualidade é única, mas, ao mesmo tempo, plural por tornarem habitados os espaços comunicativos e interativos do texto como eventos de comunicação entre produtores, leitores e interlocutores.

A finalidade do primeiro capítulo enfoca um estudo do neologismo, demonstrando os neologismos criados como empréstimos linguísticos em diversas áreas. No segundo capítulo, as autoras discutem a organização das práticas de ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio do Instituto Federal de Goiás à luz das propostas da Base Nacional Comum Curricular. No terceiro capítulo, a autora apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada em 2014 sobre a consciência fonológica e os possíveis benefícios para o ensino-aprendizagem de língua espanhola.

A discussão do quarto capítulo traz à tona as contribuições de Mikhail Bakhtin no ensino da linguagem, fazendo um breve passeio pelo Círculo de Bakhtin, demonstrando as fronteiras discursivas no trabalho com a linguagem. No quinto capítulo um estudo lexical de uma temática instigante é discutido. No sexto capítulo, a autora propõe um estudo investigativo a partir do gênero textual *charge* como proposta discursiva na rede social *facebook*.

No sétimo capítulo, as autoras discutem a leitura e a produção de inferências nas provas de Língua Portuguesa do Processo Seletivo de Avaliação Seriada de uma instituição federal mineira, analisando, sobretudo, a desenvoltura dos candidatos. No oitavo capítulo o ensino de língua, literatura e cultura parte da utilização do gênero textual *crônica* como instrumento de ensino e aprendizagem. O nono capítulo traz os resultados sobre a intertextualidade explícita a partir da utilização e discussão dos

verbos *dicendi*.

No décimo capítulo, a autora examina alguns casos em que a transmídia fora utilizada por editoras brasileiras como ferramenta de criação de mídias suplementares aos livros produzidos. No décimo primeiro capítulo analisa-se o modo como a leitura é realizada pelo leitor, observando quais são os fatores determinantes para a interpretação e a compreensão de tirinhas na concepção pragmática. No décimo segundo capítulo é apresentada uma pesquisa em andamento que enfoca o estudo do léxico empregado nos livros didáticos de Português como Língua Adicional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras ocupam-se em analisar a segunda versão da Base Nacional Comum Curricular, mais precisamente do estudo do componente de Língua Portuguesa e de como a Literatura integra a referida versão do documento. No décimo quarto capítulo, os autores investigam as práticas situadas de letramento na elaboração do procedimento sequência didática por professores do ciclo de alfabetização, inseridos no Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa. No décimo quinto capítulo, dois motivos são apresentados pelo autor no que se refere às políticas linguísticas e na promoção do processo de ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos no Brasil.

No décimo sexto capítulo são relatados experiências e desafios da criação de um curso de Português – Língua Estrangeira, em Dar es Salaam, na Tanzânia. No décimo sétimo capítulo, as autoras trazem à discussão uma experiência de utilização de textos literários de autores brasileiros e latino-americanos, como Machado de Assis, Gabriel Garcia Márquez e outros no processo de ensino. O décimo oitavo capítulo discute a propriedade da literatura de relativizar muitos dos conhecimentos pragmáticos formadores dos indivíduos por meio do imaginário, o que possibilita ao leitor desenvolver, de maneira reflexiva, a subjetividade.

No décimo nono capítulo, a autora estuda textos literários multimodais como viés de contribuição e de compreensão das possibilidades interpretativas. No vigésimo capítulo, os autores apresentam esforços investigativos parciais no campo da filosofia da linguagem, na perspectiva de uma abordagem bakhtiniana. Já no vigésimo primeiro capítulo há a realização reflexiva acerca da literatura que trata das questões discutidas em toda a reflexão.

No vigésimo segundo capítulo, a autora analisa registros linguísticos em túmulos e lápides das línguas eslavas, polônês e ucraniano, faladas no interior do Paraná na relação com a identidade étnica dos descendentes de imigrantes eslavos. No vigésimo terceiro capítulo são averiguadas questões inseridas no âmbito da dublagem/legendagem que surgiram em consequência do processo de tradução audiovisual do objeto deste estudo. No vigésimo quarto capítulo, a autora discute algumas ideologias linguísticas presentes em comunidades de Prudentópolis sobre as línguas portuguesas e ucranianas.

No vigésimo quinto capítulo, as autoras debatem um texto de Jean Paul Bronckart, da Universidade de Genebra. No vigésimo sexto capítulo, a autora estuda a carta

rogatória como linha tênue na tradução entre o Português Brasileiro e o Italiano. No vigésimo sétimo capítulo, as autoras discorrem sobre a linguagem cinematográfica e as Línguas de Sinais promovendo um paralelo entre a Cultura Surda e o gênero *cinema* como artefato cultural.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute os processos de criação e produção das imagens em processo de ensino e aprendizagem nas escolas de educação básica, considerando-se, com base na abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano. No vigésimo nono capítulo são estudadas as estratégias de tratamento da afasia sob a perspectiva da neurolinguística discursiva e, no trigésimo e último capítulo da coletânea, os autores apresentam reflexões sobre o trabalho “Disponíveis”, ou seja, um conjunto de fotografias e vídeos em que se nota uma sequência de *outdoors* obsoletos presente ao longo de uma rodovia que liga as três cidades: Brasília – Distrito Federal, Alexânia e Anápolis – Goiás.

Todas as reflexões propostas no primeiro volume desta coletânea cumprem a finalidade de ensinar, comunicar e propor a interação dos sujeitos, na função de leitores e interlocutores dos textos. Assim, os votos direcionados aos investigadores desta Coleção são de que consigam ampliar os saberes e a partir deles estabeleçam as conexões comunicativas necessárias no exercício cidadão e linguístico das ciências da linguagem.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A FORMAÇÃO DE NOVAS UNIDADES LEXICAIS: NEOLOGISMOS	
Hendy Barbosa Santos	
Francisca Jacyara Matos de Alencar	
Elayne Sared da Silva Morais	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
ORGANIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE REFLEXIVA	
Aline Rezende Belo Alves	
Jane Faquinelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Fabiana Soares da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
BAKHTIN NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E NO ENSINO DA LINGUAGEM	
Ivan Vale de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902044</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
ESTUDO LEXICAL DE UM PROCESSO CRIME DE ESTUPRO DO INÍCIO DO SÉCULO XX – 1911	
Claudice Ferreira Santos	
Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902045</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>54</b>
LEITURA DE CHARGES E DISCURSOS JUVENIS: UMA ABORDAGEM SOBRE CIDADANIA NO FACEBOOK	
Edilaine Gonçalves Ferreira de Toledo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902046</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>66</b>
LEITURA E PRODUÇÃO DE INFERÊNCIAS EM PROCESSOS SELETIVOS DE AVALIAÇÃO SERIADA	
Claudia Alves Pereira Braga	
Mauriceia Silva de Paula Vieira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902047</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>76</b>
LITERATURA BRASILEIRA COMO INTERAÇÃO NO ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Maria José Nélo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902048</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>89</b>
O PAPEL DOS VERBOS DICENDI NA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: PONTOS DE UM <i>CONTINUUM</i> ARGUMENTATIVO	
Alcione Tereza Corbari Quézia Cavalheiro M. Ramos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>101</b>
O USO DA TRANSMÍDIA POR EDITORAS BRASILEIRAS: ALGUNS PROJETOS EDITORIAIS	
Camila Augusta Pires de Figueiredo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>110</b>
TIRINHAS: LEITURA, INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO, SEGUNDO O MODELO PRAGMÁTICO	
Onici Claro Flôres Silvana da Rosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>124</b>
VERIFICAÇÃO DE FREQUÊNCIA LEXICOLÓGICA PARA A CLASSIFICAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ADICIONAL	
Maryelle Joelma Cordeiro Carlos Antônio de Souza Perini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>136</b>
O CURRÍCULO PROPOSTO NA BNCC E A FORMAÇÃO EM LETRAS	
Taíse Neves Possani Elisa Isabel Schäffel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>145</b>
O USO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS POR PROFESSORES ALFABETIZADORES EM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA: ANÁLISE E DISCUSSÃO	
Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti Rosiene Omena Bispo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>154</b>
POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS BRASILEIRAS E LÍNGUAS PARA FINS ACADÊMICOS: UMA BREVE ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE DOIS PROGRAMAS NACIONAIS	
Pedro Paulo Nunes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>165</b>
A FORMAÇÃO DE UM CURSO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA NA TANZÂNIA: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS	
Jean Antunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020416</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>174</b>
A LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA DE ENSINO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR	
Maria Aparecida de Castro	
Maria Aparecida Rodrigues de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>185</b>
A LEITURA LITERÁRIA NA AFIRMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE	
Simone Aparecida Botega	
Andréa Portolomeos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>192</b>
A LITERATURA INFANTIL EM DIFERENTES SUPORTES: POSICIONANDO LEITORES E ESPECTADORES E GERANDO POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS	
Verônica Coitinho Constanty	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>210</b>
A PALAVRA E A RELAÇÃO EU/OUTRO NA PRODUÇÃO DO SABER	
Antônio Matosinho de Sousa Júnior	
Alessandra Pereira Carneiro Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>218</b>
A MEMÓRIA DE TRABALHO E SEU PAPEL NA APRENDIZAGEM, EM ESPECIAL, DA LEITURA	
Lidiomar José Mascarello	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>230</b>
A VOZ DO SILÊNCIO: REGISTRO DE LÍNGUAS ESLAVAS EM CEMITÉRIOS NO INTERIOR DO PARANÁ	
Luciane Trennephol Da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020422</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>244</b>
A TRADUÇÃO DAS ONOMATOPEIAS EM <i>SANZOKU NO MUSUME</i> , <i>RONJA</i> : MUITO ALÉM DO TIC-TAC	
Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado	
Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020423</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>257</b>
AS IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS PRESENTES NOS USOS DA LÍNGUA UCRANIANA NA CIDADE DE PRUDENTÓPOLIS - PR	
Vanessa Makohin Costa Rosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020424</b>	

<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>267</b>
BREVE DEBATE ACERCA DO QUADRO EPISTEMOLÓGICO SOBRE A ATIVIDADE DE LINGUAGEM DE BRONCKART	
Érika Christina Kohle	
Stela Miller	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020425</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>280</b>
CARTA ROGATÓRIA: A TÊNUE LINHA TRADUTÓRIA ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O ITALIANO	
Karla Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020426</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>291</b>
CINEMA SURDO COMO ARTEFATO CULTURAL: LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E LÍNGUA DE SINAIS	
Halyne Czmola	
Kelly Priscilla Cezar Lóddo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020427</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>305</b>
CRIAÇÃO E PRODUÇÃO DE IMAGENS NOS CONTEXTOS ESCOLARES DO SÉCULO XXI	
Rosana de Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020428</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>315</b>
DE QUE MODO A NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA PODE CONTRIBUIR PARA O TRATAMENTO DA AFASIA	
Maristela Schleicher Silveira	
Maíra da Silva Gomes	
Maica Frielink Immich	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020429</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>324</b>
DESLOCAMENTO, ENTROPIA E FOTOGRAFIA: REFLEXÕES A CERCA DE “DISPONÍVEIS”	
Pedro Emmanuel Assis Lara Lacerda	
Vicente Martínez Barrios	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020430</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>335</b>

## A PALAVRA E A RELAÇÃO EU/OUTRO NA PRODUÇÃO DO SABER

### **Antônio Matosinho de Sousa Júnior**

Mestrando em Psicologia. Universidade Federal de Goiás (UFG)-PPGP-FE. E-mail: matosinho.anp@gmail.com:

### **Alessandra Pereira Carneiro Rodrigues**

Prof. Ms. Em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: ale2007.8@hotmail.com:

**RESUMO:** Este trabalho apresenta-se como fruto parcial dos esforços investigativos em filosofia, desenvolvidos no âmbito da linguagem, com abordagem na perspectiva da pesquisa bakhtiniana. Para o círculo de Bakhtin, não se pode ter acesso a realidade das coisas tais como são, senão pela constante mediação da linguagem, que se revela obviamente, em suas múltiplas manifestações, haja vistas a complexidade desse fenômeno. Para tanto, procurar-se-á aqui, frente a fundamentação teórica em Mikhail M. Bakhtin, problematizar conceitualmente como o saber em sua diversidade e multidisciplinariedade é produzido. Para tanto, objetiva-se construir uma reflexão acerca da palavra como elemento historicamente construído e posto na relação social, que atende à comunicação e a neutralidade linguística na formação dos discursos. Além disso, há de notar-se como a palavra se mostra enquanto elemento da

expressão do diálogo inconcluso; bem como, as implicações da palavra na relação eu/outro, como possibilidade de criação ideológica e, portanto, capaz da produção da grande pluralidade dos saberes. Ao trazer essa projeção ao ambiente acadêmico, busca-se também conhecer a fertilidade do pensamento bakhtiniano, além de relacioná-lo com as perspectivas de colaboração entre os profissionais da educação que pensam em seus respectivos ambientes de trabalho a articulação entre a elaboração dos saberes e a materialidade da língua. Dessa forma, o presente texto não ambiciona construir um aparato teórico de conclusões definitivas, antes, busca manter o mais próprio do espírito da investigação filosófica, ou seja, o incomodar-se e em tempo, provocar o(s) leitor(es) para as perspectivas de articulação entre a realidade da construção do saber com relações entre uma alteridade e a palavra, conforme o arcabouço teórico expresso anteriormente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Palavra. Alteridade. Bakhtin. Produção do saber.

**ABSTRACT:** This paper presents itself as partial result of research efforts in philosophy, developed in the scope of language, following an approach in the Bakhtinian research perspective. For the Bakhtin Circle, it is not possible to have access to the reality of things as they are but through constant mediation of

language, which reveals itself obviously in its multiple manifestations, considering the complexity of this phenomenon. Therefore, the goal herein, given the theoretical foundation based on Mikhail M. Bakhtin, is to problematize the very concept according to which knowledge, in its diversity and multidisciplinary, is produced. For such, it aims to build some reflection towards the word as an element that is historically constructed and placed in the social relations, which meet the needs of communication and language neutrality in discourse formation. Besides that, it is to be noticed how the word presents itself as an element of expression of the unfinished dialog as well as the implications of the word in the relation between me and the other as a possibility of ideological creation and, therefore, able to get to the production of a large plurality of knowledge. When bringing such projection to the academic environment, it is also aimed to learn about the fertility of the Bakhtinian thought as well as to relate it to the perspectives of collaboration between professionals in the educational field that think about the articulation between knowledge elaboration and language materiality in their respective working environment. Thus, this very paper does not aim to build a theoretical apparatus of definitive conclusions; prior to that, it aims to keep closer to the philosophical research spirit, that is, the act of bothering oneself and, in time, provoking the reader(s) into the perspectives of articulation between the reality of knowledge construction with relations between an alterity and a word, according to the theoretical framework expressed previously.

**KEYWORDS:** Word. Alterity. Bakhtin. Knowledge production.

## 1 | O SABER COMO CRIAÇÃO IDEOLÓGICA

Para se pensar um pouco a proposta deste trabalho pela reflexão bakhtiniana, é importante marcar e delimitar o que entendemos como saber. Pode-se conceber que o saber é antes um produto humano e, portanto, uma criação ideológica. Vale ressaltar que:

Nos textos do Círculo, a palavra **ideologia**<sup>1</sup> é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do “espírito” humano, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura imaterial ou produção espiritual (talvez como herança de um pensamento idealista); e, igualmente, de formas da consciência social (num vocabulário de sabor mais materialista). (FARACO, 2009. p. 46).

Essa criação ideológica existe, porque posta na articulação entre as muitas vivências de cada subjetividade e variadas experiências que essas mesmas subjetividades compartilham nas relações sociais historicamente construídas. Assim, o saber em nossa ótica está circunscrito dentro dos problemas filosóficos da linguagem, perpassando a ideia de signo, de palavra e das relações interpessoais.

Enquanto produção humana, o saber se manifesta nos muitos conhecimentos.

---

1. Bakhtin pertencia a um pequeno círculo de intelectuais e de artistas entre os quais se encontravam Marc Chagall e o musicólogo Sollertinsky, amigo íntimo de Chostakovitch. Também fazia parte deste círculo um jovem professor do conservatório de Música de Vitebsk, V. N. Volochínov, e ainda P. N. Medviédiev, empregado de uma casa editora. (YAGUELLO, in BAKHTIN, 2014. p. 11)

Há aqueles que temos acesso, e também aqueles outros que não temos - seja porque, dispostos em uma cultura específica, seja porque, cronologicamente distantes, ou aqueles que simplesmente se perderam -, destarte que esses conhecimentos se mostram nas ideias, nos pensamentos, nas proposições, nas análises, constituindo uma rica construção cognitiva da humanidade.

Contudo, o conhecimento enquanto manifestação do saber por meio das produções variadas, se apresenta fragmentado e muitas vezes não entendido enquanto uma unidade, mesmo no âmbito acadêmico universitário. Portanto, é preciso perceber que todo conhecimento que se constitui parte do saber é produzido servindo-se de uma realidade comum, a linguagem; e dela partimos, a fim de, pensar a possibilidade de colaboração dos profissionais da educação que têm o dever de refletir em seus ambientes de trabalho a articulação entre a elaboração dos saberes, e na materialidade da língua, encontrar formas de configurar esse saber enquanto saber didático aos educandos.

### 1.1 A palavra e a relação eu/outro

O aspecto filosófico da criação ideológica está abotoado de modo inerente aos problemas de filosofia da linguagem, como antes dito. Com Bakhtin e seu círculo, é possível entender que o caminhar pelo viés do materialismo histórico dialético se aponta filosoficamente a esses problemas, não podendo progredir de maneira eficaz sem submetê-los a um exame específico e encontrar-lhes uma solução. (cf. BAKHTIN, 2014. P. 31).

A palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, em outros termos, a palavra acompanha o saber em todas as suas manifestações. Portanto, o saber está sempre interligado com a linguagem.

*A palavra é o fenômeno ideológico por excelência<sup>2</sup>. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (BAKHTIN, 2014. P. 36).*

Na palavra encontra-se clara e distintamente, o elemento que autoriza toda criação ideológica, independente de qual seja. “[...] A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa”. (BAKHTIN, 2014. p. 37). Pois, além de deter a pureza semiótica e também uma neutralidade, a palavra não precisa de outros meios para sua produção que não a relação entre humanos.

Portanto, a produção do saber abanca-se em boa medida nos atributos da palavra enquanto lugar privilegiado para construção e elaboração. A palavra que *per si* é produto, porque é elemento da linguagem; se mostra também como matéria produtiva, pois abre-se para toda forma de articulação dos conhecimentos existentes, bem como para a consolidação de novos conhecimentos.

---

2. Grifos do autor.

É claro, há também limites para a palavra, pois enquanto produção humana, nem sempre é possível por seu uso dizer de uma determinada realidade, como Bakhtin e Volochínov afirmam:

É impossível, em última análise, exprimir em palavras, de modo adequado, uma composição musical ou uma representação pictórica. Um ritual religioso não pode ser inteiramente substituído por palavras. Nem sequer existe um substituto verbal realmente adequado para o mais simples gesto humano. Negar isso conduz ao racionalismo e ao simplismo mais grotescos. (BAKHTIN, 2014, p. 38).

Entretanto, trata-se aqui de possibilidade da interpretação e da compreensão, construindo refração ideológica do ser em processo de formação. Pois, embora não se possa substituir por palavras toda espécie de signos ideológicos específicos, estes mesmos de algum modo apoiam-se nelas ou por elas são acompanhados.

Todavia, embora nenhum desses signos ideológicos seja substituível por palavras, cada um deles, ao mesmo tempo, se apoia nas palavras e é acompanhado por elas, exatamente como no caso do canto e de seu acompanhamento musical. (BAKHTIN, 2014, p. 38).

A palavra, enquanto guardiã desse abastado potencial, é o objeto fundamental do estudo das ideologias. Conforme sustenta Bakhtin (2014, p. 39), o único modo de fazer com que o método sociológico marxista dê conta de todas as profundidades e de todas as sutilezas das estruturas ideológicas “imanescentes” seria caminhar com a filosofia da linguagem, concebida como filosofia do signo ideológico. Assim, o mecanismo da refração ideológica, as formas da existência em signos em todo ato consciente, devem ser detidamente estudados com base a ser traçada e elaborada pelo próprio materialismo, a partir da palavra, pela capacidade de comunicação humana, de neutralidade ideológica, de interiorização e pureza linguística, como diálogo inconcluso, ou seja, expressão verbal da vida humana.

As raízes marxistas de Mikhail Bakhtin, em seu sentido dialógico, fornecem diretrizes epistemológicas consideráveis e consistentes na análise dialética e concreta da linguagem. (HENRIQUES, 2007. P. 361). O conceito de ideologia é significativo para os empreendimentos bakhtinianos, é visto como ‘lugar’ de inter-relação, pois, na palavra enquanto signo ideológico há constante e dinâmico movimento. Pois, ao passo que é uma forma de representação do real, seu produto ideológico é parte de uma realidade; tudo que é ideológico remete a uma realidade fora de si.

Nesse sentido, entende-se que o signo é sempre um fragmento material da realidade que ele reflete. Assim, todo acontecimento humano, todo fenômeno que funciona como signo ideológico possui uma materialidade. Os signos - que podem ser objetos materiais ou não, como por exemplo, atividades de linguagem: as manifestações artísticas diversas, a fala ou a escrita, - adquirem função em determinados grupos sociais visto suas relações e a construção de sentido naquele conjunto da vida social. Isto garante uma dupla materialidade: materialidade como realidade física e materialidade como realidade significada para um determinado grupo, em um determinado contexto.

O conjunto de signos de um determinado grupo social forma o que Bakhtin chama de universo de signos. E todo signo, além dessa dupla materialidade, no sentido físico-material e no sentido sócio-histórico, ainda recebe um “ponto de vista”, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio do ideológico. (MIOTELLO, In: Brait, 2016. P. 170).

A palavra, em um determinada grupo ou lugar sócio-histórico ganha atributos de signo ideológico. Deste modo, pode produzir uma nova realidade, pode gerar conhecimentos, edificar o saber.

Contudo, há ainda um outro elemento necessário a produção do saber, e que está posto já na palavra, na natureza de todo signo ideológico, pois sua existência consiste na materialização da comunicação. Nesse sentido, o espaço por excelência para desenvolvimento da interação verbal é a comunicação, que pressupõe uma alteridade, uma interpessoalidade, a relação eu/outro em Bakhtin.

Em verdade, não é possível, para a teoria bakhtiniana, uma compreensão mecânica ou um sistema acabado, pois, somente no ato responsável e responsivo, pode-se compreender e participar da comunicação, ou seja, de um diálogo. Sendo este a fidedigna forma da vida do homem, de sua natureza dialógico-consciente.

A única forma adequada de *expressão verbal* da autêntica vida do homem é o *diálogo inconcluso*. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. (BAKHTIN, 2011. P. 348).

É preciso lembrar sempre que em Bakhtin não há acesso à realidade, ao menos de modo direto, senão mediado pela linguagem; o real só se apresenta semioticamente, ou seja, linguisticamente (cf. FIORIN, 2016. P. 22). “Não se nasce organismo biológico abstrato, mas se nasce camponês ou aristocrata, proletário ou burguês” (BAKHTIN, 1980, p. 34 apud FREITAS, 2002, p. 127). Isso indica que o homem só o é de fato na relação social. O dado da nascitura não atribui existência ao homem. O que assegura ao organismo biológico existência, o que torna o homem, homem, é a sua participação na realidade histórico-cultural. Tanto essa realidade, quanto as relações sociais que a compõem apenas são possíveis pela linguagem formada pela consciência.

Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (BAKHTIN, 2014. P. 34)

Em outras palavras, a linguagem, e portanto, o saber é integrada à vida humana, não podendo ser apreendida fora do contexto, fora de sua ligação com uma situação concreta (cf. FREITAS, 2002. P. 135).

## 1.2 A relação eu/outro

Além da palavra, outro eixo indispensável para se pensar a produção do

saber enquanto reflexão com aporte em Bakhtin, é a relação eu/outro. Partindo da eventicidade, compreende-se que há uma responsabilidade nos atos, uma vez que o agir humano é profundamente existencial. A responsabilidade nos atos, constitui uma perspectiva unitária que é percebida naquilo que é vivido e experimentado.

Dentro desse aspecto, pode-se inferir que os conhecimentos obtidos ao longo da história só existem porque estão marcados profundamente pelas relações sociais, está constantemente perpassada pela figura do outro e, portanto, pressupõe alteridade; pressupõe um complexo de ações postas em inter-relação.

No entanto, essa inter-relação não significa que um sujeito não seja inteiramente autônomo, apenas diz de sua não possibilidade de independência, pois, necessita do outro para compor seu acabamento. Esse acabamento é sempre composto pelo “excedente” da visão de cada sujeito; isto fica mais evidente na seguinte passagem, quando Bakhtin afirma:

Esse *excedente* da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – *excedente* sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim. (BAKHTIN, 2011. p. 21)

Conforme o autor aponta, o excedente da visão do sujeito é sempre a possibilidade de acabamento. O lugar de cada ‘eu’ é insubstituível, porque uma vez carente e não concluso, manifesta o seu estar em processo, que é o próprio existir, é atuação do sujeito no meio, nos diversos momentos da existência, da consciência que produz conhecimentos temporários, é verdade, mas completamente válidos porque situados dentro de uma temporalidade que o determina de certa forma.

De acordo com Bakhtin (2010, p. 63) até mesmo as renúncias que são feitas de maneira responsável, não se tornam alheias ao sujeito, e ao mundo o qual está inserido. Antes, o ‘eu’ está todo ali, onde outro não pode decidir nem realizar nada, a não ser ele mesmo; isso porque, sendo cada sujeito único, suas ações constroem sentidos na sua existência, mesmo no agir de abnegação.

É evidente que a relação eu/outro em Bakhtin, mostra-se no discurso, que é a composição das variadas relações sociais através da linguagem. E é principalmente na palavra, dado a sua plasticidade, que se formam os discursos, que uma vez organizados produzem o saber. Pois, a palavra, conforme bem indica Stella (in Braint, 2016. p. 179) pode assumir qualquer função ideológica, dependendo da maneira em que aparece num enunciado concreto. No ato do discurso, são refletidas as realidades imediatas, além de emergir nas entrelinhas as realidades refratadas, ou seja, as outras vozes que compõem o discurso, que o sustentam, embora não apareçam de modo imediato.

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em

relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é território como do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2014. p. 117).

Assim, a experiência discursiva de cada pessoa, de cada grupo social, na produção de cada novo conhecimento, na interpelação pelo saber, forma-se e desenvolve-se na constante interação entre indivíduos. Segundo Ponzio (2016. p. 203) a alteridade se encontra no interior do sujeito, do eu, que coincide com a relação dialógica eu-outro. Portanto, o discurso do sujeito, de um 'eu', só se constitui na relação com outros enunciados, com discursos de outros 'eus'.

Não existe nenhum privilégio ontológico da consciência do eu, dado que a consciência é inseparável da linguagem, e a linguagem é de outros antes que se converta em "própria", antes que se identifique com a própria consciência e expresse as próprias intenções, o próprio ponto de vista. (PONZIO, 2016. p. 203)

Trata-se de um empreendimento que não é ontológico, que não está vinculado ao ser. A alteridade aqui é entendida como não relativa, ou seja, embora constituam-se nas relações sociais, o 'eu' e o 'outro' existem por si. Desta forma pode-se compreender em que dimensão o discurso de cada área do conhecimento se relaciona, já que o autor e o interlocutor apreendem sentidos diferentes no mesmo signo expresso, visto que se relacionam, mas não são relativos.

Foi a partir dessa concepção dialógica da linguagem que Bakhtin afirmou sua verdadeira substância, constituída pelo fenômeno social da interação verbal. O centro organizador e formador do saber não está seu interior do indivíduo, mas sim fora dele, na própria interação verbal.

Neste processo, o educando vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que compõem a realidade em que está imerso e, ao mesmo tempo, suas relações inter-sociais dialógicas de concordância ou discordância em relação as mesmas vozes compõem a novidade da produção literária, científica, acadêmica, cultural.

Assim, pode-se perceber como a palavra é um elemento historicamente construído pelas relações sociais, e ao mesmo tempo carrega a potência de produtora de novos saberes por essas mesmas relações de alteridade. Pela palavra, pelo diálogo e logo, a relação eu/outro – que não esvazia a subjetividade do sujeito, mas o faz autor em processo -, que compreendemos como os discursos ideológicos podem produzir o conhecimento inconcluso, que é sempre uma face historicamente situada do saber.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, Valentin N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Faraco, Carlo Alberto. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2016.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky e Bakhtin. Psicologia e Educação: um intertexto**. São Paulo: Ática, 2002. Pp. 117-153.

HENRIQUES, Maria José Rizzi. **As raízes marxistas de Mikhail Bakhtin**. Estudos Lingüísticos XXXVI(3), setembro-dezembro, 2007. p. 357 / 362. Disponível em: < <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/117.PDF>>. Acesse em: 19 de maio de 2017.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beht. (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2016. pp.167-176.

PONZIO, Augusto. **A revolução de bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. 2ª ed. São Paul: Contexto, 2016.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beht. (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2016. pp. 177-190.

YAGUELLO, Marina. In BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, Valentin N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA** Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-228-9



9 788572 472289